

Escrevivência, a poética negra feminista e a fabulação crítica: cruzos entre Conceição Evaristo, Denise Ferreira da Silva e Saidiya Hartman no fazer pesquisa negra/o

Fátima Lima¹

Resumo: Este ensaio parte de uma constatação: perscrutando o campo dos saberes ocidentais e as formas como nomeamos o fazer pesquisa, constata-se uma série de interpelações, inquições e transformações em diferentes campos do conhecimento e suas formas epistemo-metodológicas canônicas. Parte considerável deste cenário transformador ancora-se, por um lado, em epistemologias e metodologias contracoloniais que ganharam força nas últimas décadas e, por outro lado, na intensificação e na agência de estudantes, pesquisadoras/es negras/os, indígenas, quilombolas, ribeirinhas/os e *lgbt+* que, ao ocuparem o lugar de produtores de conhecimento, deram-se conta de um processo de objetificação e violência por parte de inúmeros campos de conhecimento, tensionando e reescrevendo os sistemas de enunciação do fazer pesquisa. Logo, o cerne deste texto são as produções negras que têm tensionado os saberes e as formas de produzir pesquisa que trazem a negritude e os arquivos da escravização como espinha dorsal. Para tanto, elege-se a escrevivência, como constituída por Conceição Evaristo, como fio condutor das transformações epistemo-metodológicas em diferentes contextos acadêmicos, promovendo um cruzo com a poética negra feminista conforme elaborada por Denise Ferreira da Silva e a fabulação crítica como defendida por Saidiya Hartman, enquanto alicerces ancestrais epistêmicos e metodológicos que têm dado régua e compasso para que a comunidade negra reelabore suas formas de produção de conhecimento no âmbito acadêmico. O objetivo, assim, é situar a escrevivência no âmago de um reviramento que tem reafirmado que precisamos realmente dar um fim à pesquisa como conhecemos.

Palavras-chave: Epistemologia. Escrevivência. Metodologia. Pesquisa.

¹ Antropóloga. Professora Associada. Coordenadora do Grupo de Pesquisa ORI/ CNPq. Autora dos livros: *Corpos, gênero e sexualidade: políticas de subjetivação* e *A persistência e o tempo: escritos sobre raça, racismo e poder*. E-mail: fatimalima4@gmail.com. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1737594557449404>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9449-2514>.

Ruínas e céus em pedaços

Recriar a partir da colonialidade e fugir do caminho que
nos empurra para a morte
Mombaça; Mattiuzzi, 2019, p. 25

Este texto parte da constatação e redistribuição da violência da/na academia, fazendo ver e dizer outras possibilidades de pensar e fazer pesquisas através de outros referenciais oriundos e vivenciados nas pesquisas negras. Seu ponto forte reside em um conjunto de reflexões teóricas de pensadoras/es negras/os, no entanto as considerações aqui apresentadas são indissociáveis de uma práxis que tem na vida acadêmica um espaço de ativismo e a aposta na reparação e na justiça cognitiva. Surgem, portanto, também das experiências vivenciadas na graduação, na extensão, na pós-graduação e na orientação de trabalhos onde os temas são atravessados pela antinegritude e pela violência racial genderizada e interseccionalizada. Essas experiências permitiram detectar uma insuficiência nas formas canônicas da metodologia e a necessidade de dar fim à pesquisa como conhecemos a partir de outras metodologias e formas de pesquisar.

Em “No vestígio: negridade e existência”, Christina Sharpe (2023) denuncia que

para produzir trabalhos legíveis na academia, muitas vezes intelectuais Negres precisamos aderir a métodos de pesquisa ‘convocados a serviço de uma força destrutiva maior’, violando assim nossas próprias capacidades de ler, pensar e imaginar outramente (Sharpe, 2023, p. 33).

A autora dá visibilidade à violência do pensamento ocidental no que se refere às pesquisas desenvolvidas pelas comunidades negras, na medida em que, para que os trabalhos destas/es pesquisadoras/es sejam considerados legíveis, precisam utilizar métodos de pesquisa canônicos, eurocentrados e brancos, violentando saberes outros, outras formas de ler, pensar e imaginar. Por outro lado, Grada Kilomba (2019), pensando a situação das vidas negras no âmbito da academia, radicaliza quando nos afasta da velha dicotomia de quem, atravessada/o por condições subalternizantes, pode ou não pode falar. Assim, restitui às vidas negras o falar, no entanto, sob outra condição nos regimes de fala

e escuta. “Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas [...]” (Kilomba, 2019, p. 51). “Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro nem tão pouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a” (Kilomba, 2019, p. 51). Frente a violência da academia, Lélia González (2018b) desafiou os regimes de fala e escuta, tomando, de forma irônica e assertiva, a ideia, difundida pela ideologia dominante, de que as comunidades negras estariam na lata do lixo e, afirmou em *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, texto de 1980, que “[...] o lixo vai falar e numa boa” (González, 2018b, p. 193).

Levando em conta o cenário acima, Fátima Lima, numa entrevista chamada *Conversa de porta aberta com Fátima Lima*, denunciou a violência metodológica nas pesquisas quando nos diz que:

Há muita gente que defende piamente que a metodologia é uma armadura que você irá colocar dentro do objeto. Aí, a metodologia vira um “bicho papão”. Por que temos tanto medo da metodologia? A escrita deveria ser um momento de grande aventura, de um grande encontro. Por que quem está fazendo mestrado tem que sofrer tanto? Será que metodologia é isso mesmo que dizem por aí? Mesmo com todos esses métodos canônicos, tem gente inventando, criando outras metodologias [...] (Baroni; Rodrigues; Borges, 2023, p. 801).

Coadunando com as reflexões acima, Sharpe (2023) e Lima (2013) colocam no centro da violência nas pesquisas acadêmicas a metodologia, que acaba funcionando, em sua força canônica, como um limitador e, em muitos casos um elemento epistemicida, dentro do que Sueli Carneiro (2023) configurou como um dispositivo de racialidade.

Assim, assumindo um tom ensaístico, este texto toma o dispositivo da racialidade de Carneiro (2023) como lugar sob e sobre o qual as relações de saber/poder na academia vão se fazendo e atuando na eliminação de saberes negros/os e da própria existência negra, na medida que o epistemicídio se configura como a morte dos conhecimentos e das pessoas racializadas de forma subalternizante. Alargando a noção de dispositivo da sexualidade no pensamento de Michel Foucault, Sueli Carneiro (2023) complementa suas

reflexões quando ressalta “[...] a imbricação do dispositivo de sexualidade com o de racialidade, abrangendo o segundo um território mais vasto que o de sexualidade, pelo estatuto que tem nele a cor da pele” (Carneiro, 2023, p. 31). Tomando o processo de construção do sujeito racial moderno entre os séculos XV e XIX, através de um conjunto operacional racional e cognitivo que fundamentou negres enquanto uma possibilidade de ser e de não ser, ao mesmo tempo que demarcou a brancura como sinônimo de humanidade, o contrato racial como apresentado por Charles Mills (2023) aponta como a constituição do dispositivo da racialidade antecede o dispositivo da sexualidade (século XVII).

Portanto, refletir sobre as ruínas da e na academia hoje requer compreender o processo histórico marcado pela violência racial que, durante muito tempo, colocou a/o negra/o como um problema a ser estudado e um objeto por excelência de diversos campos disciplinares. O dispositivo da racialidade é uma lente epistemo-metodológica para entender, caminhar e fazer ver e dizer as resistências negras nas ruínas do fim deste mundo. Decretar as ruínas e o fim deste mundo não significa adotar um pensamento apocalíptico. Pelo contrário, a postura política e ética de encarar o fim é justamente uma forma de perceber que é impossível um mundo que se sustente na subjugação racial e institua, em cima desta violência, ideias como liberdade, fraternidade e igualdade, assumindo a força da colonialidade presente e reatualizada constantemente.

Ailton Krenak, em fala no Colóquio *Os mil nomes de Gaia: do antropoceno à idade da Terra*, realizado em 2014, em certo momento declara: “tem pedaços do nosso mundo que já morreu. Nós fazemos profecias sobre uma possível queda do céu, mas muitos pedaços desse céu já caiu e em alguns casos caiu em série” (Krenak, 2015, 10 min 53 s). Assim, sem tom profético, mas com a serenidade que só os grandes pensadores conseguem demonstrar, o militante indígena, oriundo dos povos krenak, toma o mundo como acabado e o céu como já caído. Sob seus pés, sob nossos pés: céus em ruínas.

Mas o que quero dizer com tomar o fim do mundo como uma possibilidade epistemo-metodológica seja nas reflexões acadêmicas e/ou na vida?

Achille Mbembe (2020), em *Políticas da inimizade* explica que, ao contrário de tradições que não dão muita importância para o fim do mundo, pois o vivem de outras

maneiras, as metafísicas ocidentais têm uma verdadeira obsessão pelo fim do mundo, na contramão desse movimento marcado por uma relação outra com o mundo, em que:

Num outro plano e para uma grande parte da humanidade, o fim do mundo já aconteceu. A questão já não é saber como viver à sua espera, mas como viver depois do fim, isto é, com a perda, na separação. Como refazer o mundo depois da sua destruição? Para essa parcela da humanidade, a perda do mundo impõe desfazer-se daquilo que, anteriormente, representava o fulcro dos investimentos materiais, psíquicos e simbólicos; desenvolver uma ética da renúncia em relação àquilo que ainda ontem ali estava, hoje desapareceu e que agora é preciso esquecer [...] (Mbembe, 2020, p. 54).

Assim, dar conta que o mundo acabou é enfrentar o esfacelamento da ideia de homem forjada no âmbito de um projeto iluminista, racional, sustentado na construção da igualdade, sobretudo a falsa igualdade racial, é dar conta de um sentido de humanismo, de ciência, de deus e de religião que agonizam e da noção de indivíduo ou de um certo núcleo individualizante.

Encarar o fim do mundo, em contextos brasileiros, é nos desfazer de uma herança identitária que, em nome de uma igualdade e uma democracia sustentada na ideia de igualdade racial reatualizou processos de opressão e entender que, a ficção racial, foi e é um elemento central nas construções de nossas práticas sociorraciais e, consequente, enfrentar que o racismo aponta e se instala de diferentes formas entre nós, sempre atuando na manutenção do *status quo* e da hegemonia da branquidade enquanto diagrama de poder.

Por fim, é assumir que a academia está em ruínas, e que suas ruínas são férteis para a manutenção do ensino universitário como gratuito e de qualidade. Alinhar-se com esse princípio é defender esta universidade: plural e em constante transformação. É perceber ainda que a intensificação de estudantes negras/os, de classes populares, trabalhadores, *lgbts+*, indígenas, ribeirinhas/os, quilombolas, entre outras/os, tem tensionado e redefinido os contornos e o húmus dos fazeres científicos, seja nas formas epistemológicas a partir de leituras decoloniais, contracoloniais, africanas, indígenas,

quilombolas, seja de forma metodológica, construindo outras maneiras, feitura e métodos de investigação em seus trabalhos, entre os quais destaco a escrevivência como espinha dorsal dessas transformações.

Escrevivência

A escrevivência, elaborada no âmbito da produção da escritora Conceição Evaristo, rompe os contornos do campo literário e, hoje, está presente em diferentes domínios de saber: psicologia, educação, saúde, antropologia, pedagogia, entre outros. Esse movimento requer, no mínimo, uma observação mais acurada sobre a força que esse conceito-ferramenta possui de vazar os limites da literatura afro-brasileira e se fazer importante em outras discussões. Ao longo dos últimos anos, é possível presenciar o crescimento dos debates e usos da escrevivência tanto em curso de graduação, como nos de pós-graduação.

No caminho já trilhado pela escrevivência expresso por um número considerável de pesquisadoras/es que utilizam essa ferramenta, haja vista a publicação da coletânea *Escrevivência: uma escrita de nós*, organizada por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado (2020), publicada pelo Itaú Cultural, que reuniu diferentes reflexões sobre a escrevivência, inclusive sua dimensão metodológica, com destaque para os textos de Fernanda Felisberto (2020) e Rosane Borges (2020), no primeiro semestre de 2025, ganhamos um elemento fundamental: Conceição Evaristo se torna professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Esse movimento, gestado no âmbito do Coletivo Escrevivência, teve à frente a professora Luiza Oliveira, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF, junto com o professor Abrahão Santos, docente na mesma instituição. Além das professoras Fátima Lima e Cecília Izidoro, ambas docentes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Jonê Carla Baião, do Colégio de Aplicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

O curso de pós-graduação sobre a escrevivência estabeleceu um passo significativo para o assentamento do conceito enquanto metodologia/método. Não abro

aqui uma discussão sobre as diferenças entre metodologia e método, mas vou partir da ideia de que a escrevivência é um caminho no fazer pesquisa (metodologia) e é também uma possibilidade técnica, portanto, método. Também não vou me debruçar nas produções que têm na escrevivência palavra-chave, trabalho que precisa ser realizado e exige um outro texto, ensaio e/ou artigo, mas vale salientar que, numa rápida pesquisa no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no período de 2009 a 2025 aparecem 178 produção nacionais e 73 internacionais. No que se refere às áreas em que foram publicadas, aparecem: linguística, letras e arte (149), ciências humanas (147), ciências sociais aplicadas (59), ciências da saúde (27), multidisciplinar (25) e engenharias (1).

Partindo desse cenário, alguns pontos serão discutidos como elementos fundamentais que compõem a escrevivência enquanto possibilidade tanto conceitual quanto metodológica que tem proporcionado à comunidade negra na academia outro fazer pesquisa. A partir desses pontos, defendo a ideia de que a escrevivência promove um processo de reconhecimento que tensiona o saber-poder e inaugura outro lugar do pesquisar.

O primeiro ponto que destaco em relação à escrevivência enquanto ferramenta de pesquisar refere-se, como sublinhado por Conceição Evaristo (2020), seu caráter universal. Como universal, Evaristo (2020) não está assentando a escrevivência no universalismo europeu que consagrou no humano e na razão seus pilares constitutivos. A característica universal da escrevivência vem da matéria que a compõe: a diáspora africana, a grande travessia, Kalunga – a boca da noite, o navio e seus porões.

Essa experiência histórica, plural, mas marcada pelo *em comum* (Mbembe, 2018) da violência racial, de um processo brutal de fabulações racionais das vidas negras, da perda do nome, da terra e, até “[...] o deslocamento da genitália [...]” (Spillers, 2021, p. 49), a força da renomeação, a possibilidade de transformação em nada (Moten, 2021), o desastre da sujeição negra (Sharpe, 2023), é uma história atemporal vivida pelas diferentes comunidades negras.

Por conseguinte, o caráter universal da escrevivência encontra-se atravessado pela afrodíspora e sua atemporalidade. Esse aspecto é importante na medida que a força de uma ferramenta de pesquisa está em suas possibilidades de aplicabilidade, de ruptura de

fronteiras, inclusive culturais, políticas, sociolinguísticas, sua possibilidade universal. “Diante das afirmações de Conceição Evaristo, não seria demais dizer que a escrevivência é um modo de enterreirar-se para um grupo social que, apesar de maioria, vive os efeitos da *desgramura* da diáspora” (Santos & Oliveira, 2023, p.105).

No centro da característica universal e afrodiaspórica, ou como figura *seminal*, Conceição Evaristo (2020) coloca a mãe preta, segundo elemento a destacar. Nem um “[...] exemplo extraordinário de amor e dedicação totais” (González, 2018b, p. 204) e nem uma traidora da raça, a figura da mãe preta tem um papel na formação identitária da nação brasileira. Responsável pelo cuidado, cuidado esse mediado pela linguagem, a mãe preta torna-se responsável pela introdução da criança branca na cultura brasileira, processo realizado através do que Lélia González chama de pretuguês e seus vestígios de africanização na cultura brasileira, na forma de falar, andar, comer e nas composições subjetivas, intersubjetivas e imaginárias desse *infans* que González (2018b) referia como a cultura brasileira e a mãe preta, entendida em sua dimensão de função materna, nomeada por Conceição Evaristo (2020) como figura seminal da escrevivência.

Pensar a Escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo [...], não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta [...] (Evaristo, 2020, p. 29).

Essa experiência, em comum, vivenciada pelas mulheres negras, levou Lélia González (2018a) a ampliar a força da mãe preta na construção da nação brasileira para o contexto das Américas a partir da ideia de amefricanidade, em que “a experiência comum dos descendentes de africanos na América pode ser apreendida e unificada pela amefricanidade, uma categoria que, no longo processo de resistência, remete à construção de toda uma identidade étnica” (González, 2018a, p. 335).

As características acima expressas permitem que pesquisadoras/es negras/os, tomadas/os pela consciência racial, em diferentes territórios nacionais e estrangeiros, possam fazer uso da escrevivência epistemo-metodologicamente, a partir de suas

singularidades e do encontro-pertença-experiência vivida com o universo pesquisado, encontro que faz da/o pesquisadora/or também uma subjetividade atravessada pela diáspora africana e sua força universal. Esta experiência singular e coletiva de copertença, nas minhas observações, tem força de reposicionar a/o pesquisadora/or em outro lugar, não apenas marcado por uma outra política da escrita, mas também pela possibilidade de construir outros caminhos metodológicos, tendo na escrevivência a viabilidade operacional no momento em que fazer a pesquisa convoca a dimensão singular da/o pesquisadora/or ao mesmo tempo de uma experiência vivida por um nós. Notemos que não há aqui um exterior constitutivo. A escrevivência se operacionaliza nela mesma, assegurada pelos elementos que a compõem.

Nesse sentido, é bom sublinhar que a dimensão de objetividade está dada na própria feitura do método, que não se confunde com texto memorialístico, com autoetnografia, escrita de si, história oral ou outra possibilidade metodológica já estabelecida no cânone acadêmico. Também não há um receituário metodológico a se cumprir, mas elementos constitutivos que ligam pesquisadora/or ao universo de pesquisar pela experiência universal da afrodíspora, pela convocação do caráter atemporal, pelo atestado, pela denúncia da violência racial e pelas resistências ou persistências negras que compõem o dispositivo da racialidade.

Nesse aspecto, Fred Moten (2021) fala sobre os porões dos navios negreiros: “[...] no porão, no basho (o lugar do ser nada, esse recesso subterrâneo e subcomum), está a vida social das coisas pretas que ultrapassa (o) entendimento. No porão, pretitude e imaginação, no e como consentimento em não ser um singular, são (mais e menos que) um” (Moten, 2021, p. 151). Ouso dizer que a escrevivência está lá no porão do negreiro, consentindo em não ser restrita ao singular, a ser mais e menos que um. Ser nada e ser tudo. Ser nós!

O cruzo

“[...] Eu também sou a sobrevida da escravidão”

Saidiya Hartman, 2021, p. 13

“[...] Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas”

Conceição Evaristo, 2017, p. 11

“[...] o conhecer e o estudar conduzidos pela Negridade
anunciam o Fim do Mundo como o conhecemos

Denise Ferreira da Silva, 2019, p. 91

De olho e, atravessada por essas dinâmicas, pensei o título deste texto a partir da ideia de cruzo evocada numa pedagogia da encruzilhada e em Exu como princípio educador. As epígrafes que abrem esta seção refletem a ideia de encruzilhada e de cruzos, fundamentais na elaboração de outras metodologias e métodos de pesquisas. Inicialmente, Conceição Evaristo (2017) restitui a dimensão de mistério que perpassa as vidas negras e Denise Ferreira da Silva (2019) coloca os estudos conduzidos pela negridade, termo que não define apenas uma dimensão identitária, mas demarca uma posição epistêmica, como o anúncio do fim deste mundo como conhecemos. Assim,

Os *cruzos* operam praticando rasuras e ressignificações conceituais. No que tange as questões acerca da produção de conhecimentos, essa noção versa-se como uma resposta responsável, fiel à noção de que nossas práticas de saber se tecem a partir das relações, e das consequentes alterações e acabamentos que nos é dado pelos outros (Rufino, 2018, p. 78).

Assim, persigo os sentidos que Luiz Rufino (2018) nos oferta no fragmento acima. Conjuro a linearidade como modelo organizacional e cognitivo das ciências modernas. Entendo o cruzo como um espaço histórico e dinâmico conduzido pelo tempo espiralar (Martins, 2021) cujo âmago são as práticas de saber pluriversais, nas quais “[...] o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro [...]” (Martins, 2021, p. 23). Portanto, o sentido do cruzo é rasurar conceitos e metodologias e seu ponto de partida e chegada são as relações dinâmicas do saber marcadas por princípios éticos, políticos e estéticos

comprometidos com a produção do conhecimento que tem como correlação anterior a produção das vidas.

Desse modo, os estudos pretos nos ajudam a reconhecer e trabalhar esses movimentos. No cruzo epistemo-metodológico deste texto, a escrevivência segue estes rastros contracoloniais e se encontra com a poética negra feminista e a fabulação crítica, triangulando uma episteme-metodológica negra/o.

No texto *Para uma poética negra feminista: a busca/questão da negridade para (o fim do) mundo*, Denise Ferreira da Silva (2019) toma como central a violência racial total nos corpos, principalmente o corpo sexual da nativa/escravizada “[...] referente do excesso [...]” onde “[...] uma poética [*Poethics*] da Negridade [...] figurada pelo corpo sexual feminino, seria capaz de anunciar uma variedade de possibilidades para o conhecer, o fazer e o existir” (Silva, 2019, p. 86), colocando em xeque a representação moderna e, conseqüentemente, os modelos de fazer pesquisa respaldados na representação moderna. Nesse trajeto, a escrevivência estabelece uma ponte profícua com a poética negra feminista de Denise Ferreira da Silva.

Segundo a autora, a negridade “[...] já detém as ferramentas necessárias para desmontar as estratégias existentes do conhecimento e de abrir caminho para uma figuração da existência fora das garras das ferramentas da razão científica [...]” (Silva, 2019, p. 87). Para tanto, produz uma radicalidade operacional e uma imaginação política capaz de suspender os pilares ontoepistemológicos que sustentam a razão universal — a separabilidade, a determinabilidade e sequencialidade —, implodindo o tempo-espço e abrindo possibilidades para o exercício da vida na não-localidade.

Tais reflexões são formuladas por Denise Ferreira da Silva a partir da recuperação do contexto da acumulação de capital e da constituição do capitalismo, colocando em crítica a presunção de separabilidade de trabalhadores escravizados dos arranjos econômicos e jurídicos que consolidaram o pensamento ocidental moderno, assentado na subjogação racial. Num texto instigante, que faz parte de uma caixa ressoante maior das produções de Denise Ferreira da Silva, a autora conversa significativamente com a escrevivência, reafirmando elementos já descritos acima, que firmam e amalgamam a escrevivência enquanto método, expresso por uma radical imaginação de pesquisar, de

um corpo vivido, que reconhece a experiência da violência racial total e que, ao reconhecer essa violência total, é capaz de produzir um deslocamento do corpo pesquisadora/r, uma reconhecimento, capaz de abrir o espaço da não-localidade, conjurar o tempo de cronos e convocar a espiralidade do tempo (Martins, 2021), boicotando assim “[...] o impacto da exposição da violência (simbólica e total) [...]” (Silva, 2019, p. 94), que já está dada nos estudos raciais antinegra/o, e operando formas de dar fim às pesquisas como conhecemos sobre as vidas negras.

[...] Para trazer o fim do mundo produzido pelas ferramentas da razão, a Poeta Negra Feminista espreita além do horizonte do pensamento, onde a historicidade (temporalidade/interioridade), mapeada pelas ferramentas da razão universal, sempre produz violência (Silva, 2019, p. 94).

Nesse contexto, a negridade tem a capacidade de “[...] interromper a ordem do pensamento moderno” (Silva, 2019, p. 93). Nesse movimento espiralar, a escrevivência aciona a dimensão da possibilidade de pensar o arquivo da escravização, suas violências, formas de acessar seus documentos, recontar essas histórias e realmente conseguir enterrar o passado-presente-futuro que a todo instante ameaça a vida negra e produz desencanto de mundo e expõe a ferida colonial (Kilomba, 2019). Para a razão negra da/o negra/o, como pontua Achille Mbembe (2018) em *Crítica da razão negra*, o arquivo é vivo, não apenas composto de documentos escritos, mas é a própria vida negra enquanto possibilidade de fazer ver e dizer histórias negadas, silenciadas e vilipendiadas na história da diáspora africana.

O arquivo do mundo ocidentalizado e eurocentrado foi edificado soterrando saberes, silenciando vozes, obliterando alguns nomes, desvalorizando tantos outros. Aqui, abre-se outra conversa profícua, desta vez entre a escrevivência e a fabulação crítica em Saidiya Hartman (2022c), que nos convida a um exercício de fabulação crítica para pensar outros possíveis para as vidas negras femininas. Recusando o arquivo da escravidão e a criminalização da vida das mulheres negras que desafiaram os poderes instituídos da brancura no final do século XIX e início do século XX, nos EUA, Hartman (2022c)

esgarça os limites dos autos, documentos, mapas, diários, anotações, falas, que perfazem o arquivo da escravidão, para especular sobre o que poderiam ter sido as histórias femininas negras, retirando delas a rebeldia e belos experimentos de vida, anunciando, logo nas páginas iniciais de *Vidas rebeldes, belos experimentos*: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais, que “a ideia disparata que anima este livro é a de que jovens negras foram pensadoras radicais que imaginaram incansavelmente outras maneiras de viver e nunca deixaram de considerar como o mundo poderia ser de outra forma” (Hartman, 2022a, p. 13).

Isto posto, a escrevivência enseja a possibilidade de passar a contrapelo os arquivos da escravização sobre os territórios geográficos e/ou subjetivos que a mesma oferta como lugar para olhar e escrutinar as vidas negras, suas dinâmicas, principalmente nos processos subalternizantes, os becos, as quebradas, as periferias. Esses lugares sempre foram territórios de muitos olhares, pesquisas, investigações, tentativas de correção, processos de higienização, laboratórios de experiências e experimentos de sociólogos, historiadores, antropólogos, cientistas políticos, entre outros, que se prestavam a estudar a pobreza, a/o negra/o como um problema, as famílias como disfuncionais, grandes proles, lugar sem amor, sem afeto, sem desejo, as mulheres como parideiras, fábrica de bandidos.

Em *Becos da memória*, Conceição nos faz um convite, aliás vários. Primeiro que o beco tem memória, se tem memória, tem vidas pulsantes. O beco tem dor. A favela vai ser desapropriada, mas os becos da favela escondem verdadeiros tesouros de vidas vivíveis. Nos becos, vielas, favelas, temos Vó Rita que “guardava tanto amor no peito” (Evaristo, 2017, p. 27) e que dizia “Chuva é tão bom quanto o sol” (Evaristo, 2017, p. 27). Temos também Maria-velha, Maria-Nova e Vó Rita, com seu coração enorme, de onde nasciam “todos os homens: negros, brancos, azuis, amarelos, cor-de-rosa, descoloridos” (Evaristo, 2017, p. 184). Do coração grande de Vó Rita “nascia a humanidade inteira” (Evaristo, 2017, p. 184).

Nas favelas, nos becos, vivem mulheres (negras) com um coração tão grande que são capazes de parir a humanidade. No meio do caos e das dores, a vida, como possibilidade vivível, é gestada e parida. Não apenas a vida negra, mas toda a

humanidade. É nesse ponto que coloco Conceição Evaristo em contato com o texto “A terrível beleza do Gueto”, de Saidiya Hartman (2022b, p. 24): “No gueto tudo está em falta, exceto a sensação. A experiência é *abundante*. A terrível beleza está além do que qualquer um poderia esperar assimilar, ordenar e explicar”. Assim, “[...] nossa relação não é contra a dor. A escrevivência é a aposta de rasgar a dor ali, exatamente onde ela mais parece apertar os olhos do mundo; contar uma outra história a partir dela: fabular criticamente mundos [...]” (Lima, 2024, p. 59).

Desse modo, é necessário fazer outras pesquisas dando um fim à pesquisa como conhecemos. O cruzo entre a escrevivência, a poética negra feminista e a fabulação crítica aponta para rotas que se espiralizam, mas indicam um em comum: a racialidade antinegra é capaz de redefinir as linhas do saber-poder, ofertando outras maneiras de pesquisar que redefinam não apenas o que se pesquisa, como se pesquisa, mas quem pesquisa e as produções possíveis a partir desta reconhecimento e outras formas de habitar o pesquisar.

Porvir

“Cheguei são, salvo e sozinho na outra banda do rio. Gostaria de ter morrido, mas estou aqui”
Personagem Tio Totó, em:
Conceição Evaristo, *Becos da Memória*, 2017, p. 48.

O provir é o que é. Só é o que virá, porque é o que é. Só é o que foi porque é o que é. “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que jogou hoje”, aforisma iorubá já consagrado entre nós, personifica o objetivo, ainda que comedido, deste artigo. Reconheço e afirmo seu caráter inicial, a necessidade de aprofundamentos, demanda necessária diante dos enfrentamentos na academia em dias de hoje, mas sublinho sua urgência, seu caráter de denúncia e, antes de tudo, seu compromisso com fazer ver e dizer as resistências regras, reafirmando que sempre estivemos por aqui “[...] no seio mesmo das sociedades ocidentais [...]” (Martins, 2021, p. 30), com nossos saberes, nossos corpos, nossos corpos-epistemes, nossa oralitura, nossa escrevivência.

Este artigo não proclama uma nova metodologia ou método — insisto: sempre estivemos por aqui —, ele assinala que, sendo testemunha deste tempo, as dinâmicas

étnico-raciais genderizadas e interseccionalizadas, que se intensificam nos espaços universitários, aumentam a caixa de ressonância que aponta que as formas de pesquisar como conhecemos precisam de um fim. Porém, isso não significa que elas devem acabar. Com certeza, diferentes pesquisas conversam com diferentes epistemologias que fazem parte do cânone. Dar fim à pesquisa como conhecemos, na verdade, é dar fim à forma violenta como tal fazer se institui, muitas vezes ainda de modos epistemicidas. É sobre isso: nós atravessamos o mar, o rio, estamos vivas/os. Seguiremos. Ainda há muito para se fazer, mas podemos, por vezes, sentar, descansar e gargalhar.

Referências

BARONI, Patrícia; RODRIGUES, Allan; BORGES, Luís Paulo Cruz. Conversa de porta aberta com Fátima Lima: “epistemologia da pedagogia antirracista: alternativas ao pensamento hegemônico estrutural”. Entrevista com Fátima Lima. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 16, n. 3, p. 794-807, set./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2358-4319v16n3.2023.67>. Acesso em: 13 maio 2025.

BORGES, Rosane. Escrivivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 182-204. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro, Zahar, 2023.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.

EVARISTO, Conceição. Recordar é preciso. In: EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 11.

FELISBERTO, Fernanda. Escrivivência como rota de escrita acadêmica. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 164-180. Disponível em: <https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrivivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.

GONZÁLEZ, Lélia. Nanny. In: GONZÁLEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia González em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Ed. Filhos da África, 2018a. p. 335-342.

GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: GONZÁLEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia González em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Ed. Filhos da África, 2018b. p. 190-213.

HARTMAN, Saidiya. Uma nota sobre o método. In: HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais**. Tradutor: Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022a. p. 11-13.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Trad. José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARTMAN, Saidiya. A terrível beleza do gueto. In: HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais**. Tradutor: Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022b. p. 23-31.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais**. Tradutor: Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022c.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. [Participação em mesa redonda]. In: OS MIL NOMBES DE GAIA: DO ANTROPOCENO À IDADE DA TERRA, 2014, Rio de Janeiro. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (25 min 34 s). Publicado pelo canal Os Mil Nomes de Gaia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k7C4G1jVBM&t=972s>. Acesso em: 25 maio 2025.

LIMA, Fátima. Escrivência e a fabulação crítica do (im)possível, ou como en(cantar) numa academia no fim de um mundo. *In*: LIMA, Fátima. **A persistência e o tempo**: escritos sobre raça, poder e racismo. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2024. p. 55-63.

MARTINS, Leda. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MBEMBE, Achille. **Políticas da inimizade**. Tradução: Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2020.

MILLS, C. Wright. **O contrato racial**. Tradução: Teófilo Reis e Breno Santos. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

MOMBAÇA, Jota; MATTIUZZI, Musa Michelle. Carta à leitora preta do fim dos tempos. *In*: SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**. São Paulo: Oficina de. Imaginação Política e Living Commons, 2019. p. 15-25. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2025.

MOTEN, Fred. Ser prete e ser nada (misticismo na carne). *In*: BARZAGHI, Clara; PATERNIANI, Stella Z.; ARIAS, André (org.). **Pensamento negro radical**: antologia de ensaios. Tradução: André Arias e Clara Barzaghi. São Paulo: Crocodilo; n-1 edições, 2021. p. 131-191.

RUFINO, Luiz. Pedagogias das encruzilhadas. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 71-88, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2018.31504>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SANTOS, Abrahão; OLIVEIRA, Luiza. A metodologia do espelho de oxum na Psicologia. **Revista da ABPN**. v.16, 2023.

SHARPE, Christina. **No vestígio**: negridade e existência. Tradução: Jess Oliveira. São Paulo: UBU, 2023.

SPILLERS, Hortense J. Bebê da mamãe, talvez do papai: uma gramática estadunidense.). *In*: BARZAGHI, Clara; PATERNIANI, Stella Z.; ARIAS, André (org.). **Pensamento negro radical**: antologia de ensaios. Tradução: André Arias e Clara Barzaghi. São Paulo: Crocodilo; n-1 edições, 2021.p.29-69.

SILVA, Denise Ferreira da. Para uma poética negra feminista: a busca/questão da negridade para o (fim do) mundo. *In*: SILVA, Denise Ferreira da. **A dívida impagável**.

São Paulo: Oficina de. Imaginação Política e Living Commons, 2019. p. 85-118.
Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2025.

Escrivência, black feminist poetics, and critical fabulation: intersections between
Conceição Evaristo, Denise Ferreira da Silva, and Saidiya Hartman in black research

Abstract: This essay begins with an observation: scrutinising the field of Western knowledge and how we name research reveals a series of questions, inquiries, and transformations in various fields of expertise and their canonical epistemological and methodological forms. A considerable part of this transformative scenario is anchored, on the one hand, in countercolonial epistemologies and methodologies that have gained strength in recent decades and, on the other hand, in the intensification and agency of black, indigenous, quilombola, riverine and LGBT+ students and researchers who, by occupying the place of knowledge producers, have become aware of a process of objectification and violence on the part of numerous fields of knowledge, straining and rewriting the systems of enunciation of research. Therefore, the core of this text is black productions that have strained knowledge and forms of producing research that have blackness and the archives of slavery as their backbone. To this end, we choose *escrevivência*, as constituted by Conceição Evaristo, as the guiding thread of epistemological and methodological transformations in different academic contexts, promoting a crossover with black feminist poetics as elaborated by Denise Ferreira da Silva and critical fabulation as defended by Saidiya Hartman, as ancestral epistemological and methodological foundations that have provided a rule and compass for the black community to rework its forms of knowledge production in the academic sphere. The goal, then, is to place *Escrevivência* at the heart of a shift that has reaffirmed the need to fundamentally rethink research as we know it.

Keywords: Epistemology. *Escrevivência*, Methodology. Research.

Recebido: 16/06/2025

Aceito: 20/02/2026